

## DEFORMAÇÃO RUPTIL NA SEQUENCIA PÓS-RIFT DA BACIA DO ARARIPE

*Araújo, B.C<sup>1</sup>; Borghi, L.<sup>1</sup>; Figueiredo, J.J.P.<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>LAGESED (Laboratório de Geologia Sedimentar) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

**RESUMO:** A bacia do Araripe é conhecida pelo registro geológico Cretáceo, inserido no contexto do rifteamento do Gondwana, no interior do nordeste brasileiro onde encontram-se evidências de tectônica ativa durante seu preenchimento controlada por falhas do embasamento (Província Borborema). Semelhante à evolução tectonossedimentar das bacias marginais, a bacia do Araripe está estratigraficamente subdivida nas fases Pré-, Sin- e Pós-rifte (I e II). O Membro Fundão da Formação Rio da Batateira, informalmente conhecido como “camadas Batateira”, é composto por uma camada de folhelho preto betuminoso, sotoposto a uma camada de calcário, considerado um datum e encontra-se na fase do Pós-rifte da bacia. Os poços e as seções estratigráficas levantadas nas drenagens próximas à encosta da Chapada do Araripe sempre foram usados em correlações, tomando-se como datum o Membro Fundão (camadas Batateira). No entanto, utilizando-se o datum topográfico, observa-se nessas correlações deslocamento do Membro Fundão por falhas, formando altos e baixos estruturais com rejeitos de 30 a 50 metros, chegando a 100 metros do ponto mais alto para o mais baixo (podendo ser esse desnível amenizado por um basculamento do conjunto). Nas bacias da margem equatorial brasileira, como por exemplo, Barreirinhas e São Luis é identificada uma fase de rifteamento no Albiano que deformou, através de falhamentos, os depósitos da chamada fase “sag” destas bacias representadas pela Formação Codó, cronocorrelata às formações Rio da Batateira e Santana. Desta forma, interpreta-se que tal reativação tafrogênica possa ter afetado os depósitos da fase sag das bacias interiores do nordeste brasileiro como as formações Rio da Batateira, onde o Membro Fundão se encontra, e Santana. Tomando-se o Membro Fundão como datum observam-se variações de espessuras internas na fase Pós-rifte de cerca de 25 metros, sendo sugestivo de que as falhas ocorreram durante a sedimentação, gerando maior espaço de acomodação na parte superior da Formação Rio da Batateira. Essa suposição é feita em consideração que o contato superior da Formação Rio da Batateira não é erosivo. Mapas geológicos encontrados na literatura não evidenciam esse falhamento na sequência Pós-rifte, indicando contato da base e do topo contínuo e sem deslocamento por falhas. Tais trabalhos sugerem uma revisão e torna-se objeto de estudo futuros pelos autores.

**PALAVRAS-CHAVE:** BACIA DO ARARIPE, FORMAÇÃO RIO DA BATATEIRA, PÓS-RIFTE